

# Cai peso do salário na economia

Participação da renda no Produto Interno Bruto atingiu menor patamar dos últimos 12 anos

JANAINA VILELLA E LUIZA XAVIER

RIO e BRASÍLIA - As privatizações do governo Fernando Henrique Cardoso, combinadas a um cenário de câmbio desfavorável e juros altos, reduziram a participação dos salários no Produto Interno Bruto - total das riquezas geradas no país. De acordo com números divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o PIB atingiu, em 2002, R\$ 1,3 trilhão e o rendimento dos empregados respondeu por 36,14% desse montante, menor patamar desde 1990 (45,37%). Em contrapartida, o lucro das empresas subiu de 32,5% para 41,9% no mesmo período e a carga tributária bateu recorde, chegando a 34,9% do PIB, segundo dados do Sistema de Contas Nacionais do IBGE.

Nem mesmo o expressivo crescimento da economia registrado em 2000, de 4,3%, foi suficiente para aumentar a participação da renda no total da economia. De acordo com técnicos do IBGE, mesmo que o país volte a crescer a taxas superiores a 3%, o peso dos salários não voltará aos patamares da década de 90.

- Hoje, a economia vive uma outra realidade. Com a abertura do mercado e as privatizações, as indústrias tiveram que otimizar a produção. Houve cortes de custos e o desemprego aumentou. Isso tudo levou a uma queda da fatia da renda no PIB. Hoje, os reajustes de salários estão mais

ligados a produtividade das empresas do que a dissídios trabalhistas. O empregado tem um menor poder de barganha - explica o gerente de Contas Nacionais Anuais do IBGE, Gélio Bazoni.

O estudo do instituto mostra que o rendimento médio dos empregados brasileiros no ano passado teve uma queda real (descontada a inflação) de 1,3%. A retração é um dos motivos apontados pelo IBGE para a queda de 0,4% no consumo das famílias, em 2002.

De acordo com o economista Carlos Sobral, do IBGE, as incertezas do segundo semestre de 2002 levaram as famílias a poupar e consumir menos. O resultado foi um crescimento de 60,5% na poupança das famílias, que passou de R\$ 56,6 bilhões, em 2001, para R\$ 91 bilhões, no ano passado.

- Além de uma política monetária restritiva, com o aumento dos juros e uma desvalorização cambial da ordem de 52%, tivemos a questão política interna, que ge-

rou expectativas nos mercados em relação à vitória de um candidato de oposição. Por isso, foi natural que as famílias endividadas procurassem harmonizar as dívidas e reduzissem o consumo - diz Sobral.

O valor nominal do PIB, de R\$ 1,3 trilhão, representa a expansão de 1,9% em relação ao ano anterior. Nos últimos oito anos, o PIB acumula alta de 20,2%, com uma taxa média de crescimento de 2,3% ao ano.

Segundo o IBGE, o crescimento do país, em 2002, resulta sobretudo do bom desempenho das exportações. Foi o primeiro ano, desde a implantação do Plano Real, que a balança comercial de bens e serviços apresentou superávit, passando de um déficit de R\$ 11,9 bilhões em 2001 para um saldo positivo de R\$ 27,9 bilhões.

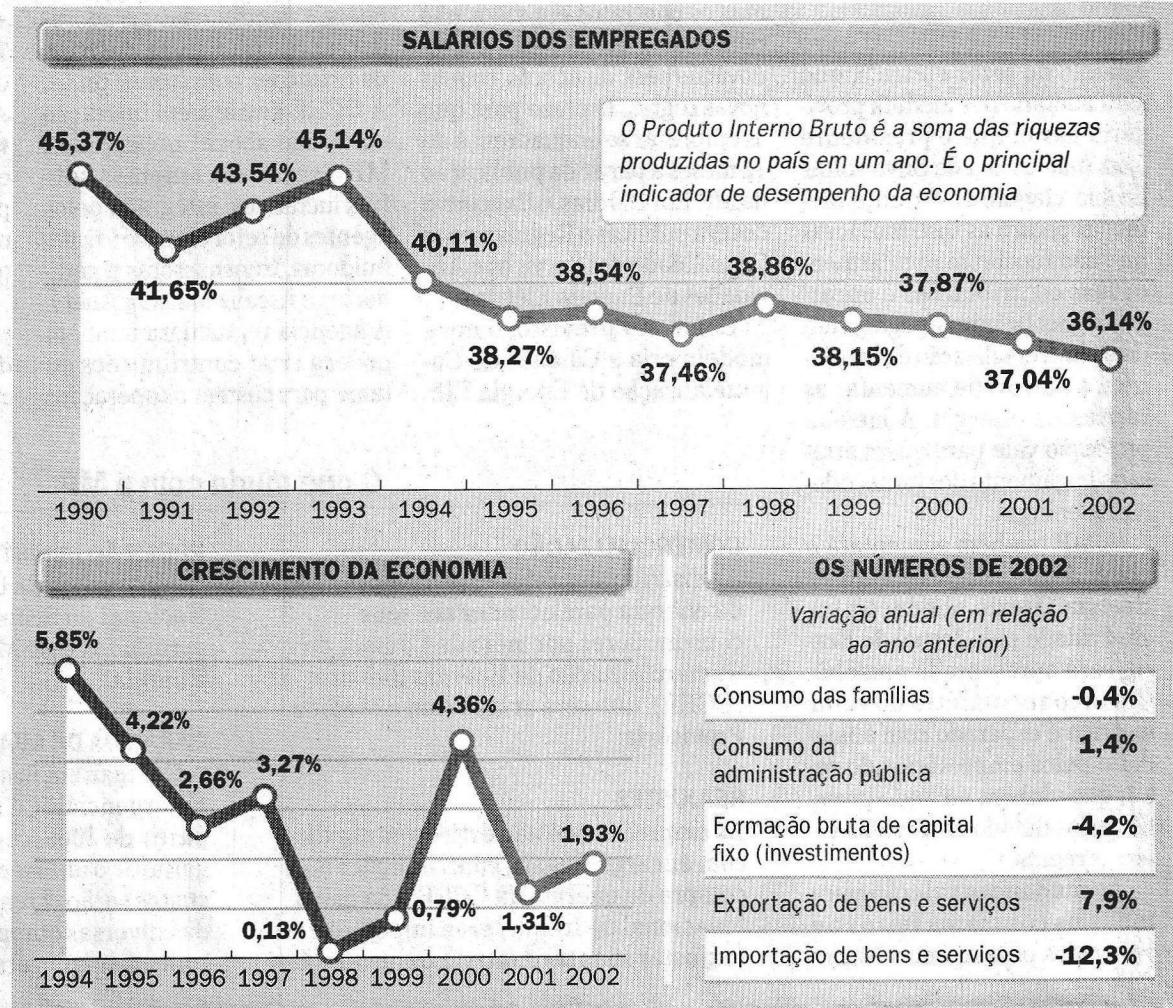
Depois de protagonizar uma discussão com o secretário de Política Econômica do Ministério da

Fazenda, Marcos Lisboa, por causa das projeções para o PIB deste ano, o ministro do Planejamento, Guido Mantega, admitiu ontem que o país poderá ficar sem crescimento econômico em 2003.

- Neste ano o crescimento vai ser entre zero e 0,5%, alguma coisa assim - disse após audiência na Câmara.

Foi a primeira vez que um ministro do governo Lula admitiu a hipótese de crescimento zero.

## Renda perde espaço no Produto Interno Bruto



Fonte: IBGE